

As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural

Fernando González Rey

Introdução

De forma recente, as categorias de sentido e significado têm tido uma ampla profusão na literatura psicológica. Mesmo que elas sejam categorias gerais da psicologia usadas por várias teorias, destaca-se o fato de que também são categorias usadas pela lingüística e pela análise do discurso, o que determina uma ampla gama de significados diferentes, em particular associados com a categoria de sentido. Evidentemente, que as categorias são peças do pensamento que tomam significados diversos na história das teorias que as empregam e, portanto, não pretendo com este artigo desqualificar alguns dos usos dessa categoria para reivindicar outros. Pelo contrário, pretendo apenas esclarecer a forma como o termo evoluiu na perspectiva histórico-cultural, com o objetivo de evitar a sua banalização, o que ocorre quando uma categoria entra em moda e começa ser usada acriticamente, sem respeitar seu campo de significação.

Como tenho colocado em escritos anteriores (González Rey, 1999, 2000, 2002, 2005 e 2006), a categoria de sentido na perspectiva histórico-cultural foi introduzida por Vygotsky na última etapa de seu pensamento científico e, inacreditavelmente, ela foi ignorada na Psicologia soviética até a década dos anos oitenta e substituída pela categoria de sentido pessoal de A. N. Leontiev, mas que tomou um caminho diferente daquele que a categoria de sentido sinalizava na obra de Vygotsky. Na psicologia ocidental, essa categoria aparece identificada com o caráter singular do significado, interpretação que nos parece muito influenciada pelo viés lingüístico e cognitivo que tiveram muitas das interpretações de Vygotsky, principalmente entre autores da psicologia norte-americana (Bruner, Valsiner, Werscht, Cole, Rogoff e outros), e que, mesmo pelas diferenças entre eles, evidencia-se que se centraram na ação e na mediação semiótica, ignorando outras contribuições do pensamento de Vygotsky. Longe de compreender o pensamento de Vygotsky como um sistema complexo em

desenvolvimento, muitos dos autores ocidentais que mais têm contribuído com a divulgação da obra de Vygotsky, se orientaram para destacar apenas as consequências da ação e da mediação semiótica para o desenvolvimento da psicologia, com o que colocaram a ênfase na linguagem acima da constituição complexa de uma nova definição de psique, o que foi uma aspiração recorrente em Vygotsky, ao longo de seu trabalho.

Neste artigo pretendo não apenas esclarecer a evolução da categoria de sentido na obra de Vygotsky, tema ao qual tenho dedicado vários trabalhos (González Rey, 2000, 2002, 2006 e 2007), mas apresentar como foi a evolução dessa categoria na própria Psicologia soviética. Com isso tento, mais uma vez, evidenciar que a obra de Vygotsky não foi a expressão de um gênio isolado, mas um momento genial de um sistema teórico em desenvolvimento, do qual esse pensamento é inseparável.

O conceito de sentido na obra de Vygotsky

O conceito de sentido não aparece nos primeiros trabalhos de Vygotsky. Ele vai aparecer na última fase de sua obra e, em pouquíssimo tempo, vai se expressar de formas diferentes, desprendendo-se progressivamente da palavra, em relação à qual aparece definido em *Pensamento e Linguagem*. É nesse momento que Vygotsky toma o termo do psicólogo alemão Paulhan, que tinha avançado na construção da relação entre o significado e o sentido da palavra no marco do uso da linguagem. Nesse contexto Vygotsky afirma (1987):

Paulhan afirma que o sentido da palavra é complexo, fluido e está em mudança permanente. De alguma maneira ele é único para cada consciência e para uma consciência individual em circunstâncias diferentes. Nesse aspecto, o sentido da palavra é inesgotável. A palavra adquire sentido numa frase. A frase em si mesma adquire sentido porém no contexto do parágrafo, o parágrafo no contexto do livro, e o livro no contexto dos trabalhos escolhidos do autor. Finalmente, o sentido da palavra é determinado por tudo o que na consciência está relacionado com aquilo expresso na palavra. (p. 276)

Algo que se destaca muito nas reflexões de Vygotsky em *Pensamento e Linguagem* é sua ênfase nos aspectos processuais da relação entre pensamento, palavra e linguagem, e sua relação com a consciência como sistema, como um todo. Isso se une à sua tendência em compreender a psique como sistema (sistema que tem sua base em unidades que reproduzem em si mesmas as características

dinâmicas do todo) e nos leva a pensar que, com a apropriação da categoria de sentido da obra de Paulham, e com a sua ênfase na relação entre o sentido da palavra e o sistema da consciência, Vygotsky estava gestando, naquele momento, um novo tipo de unidade da vida psíquica, envolvida com uma compreensão mais sistêmica da psique.

Essa minha interpretação encontra um apoio na seguinte afirmação de Luria, no epílogo das *Obras Escolhidas* de Vygotsky publicadas em inglês. Ele escreve (1987):

Não é só o sentido que está além da palavra. O sentido não é o elemento final dessa cadeia. Além da palavra estão as expressões dos objetivos e os motivos. Além da palavra estão os afetos e as emoções. Sem a exploração das relações da palavra com o motivo, a emoção e a personalidade, a análise do problema de “Pensamento e Linguagem” fica incompleto. (p. 369)

Sem dúvida que ficaria incompleta, não apenas a análise do problema colocado por Vygotsky em *Pensamento e Linguagem*, mas um aspecto principal que ele perseguiu ao longo de seu trabalho e que, na minha opinião, só conseguiu com o desenvolvimento da categoria de sentido: a relação entre o cognitivo e o afetivo. Por uma razão ou outra, mesmo que ele declare a unidade do cognitivo e o afetivo, desde o início de sua obra, ele não consegue desenvolvê-la de forma congruente ao longo de seu trabalho. Isso se deu pelas próprias armadilhas decorrentes das representações hegemônicas a partir das categorias que usou em momentos anteriores de sua obra como unidades do desenvolvimento e da consciência, respectivamente, as categorias de vivência e de significado. Uma análise crítica muito interessante sobre a categoria de vivência, com a qual, num momento anterior de sua obra, pretendeu resolver a questão da unidade do afetivo e o cognitivo, pode ser encontrada na obra de Bozhovich (1976).

Uma vez mais concordo parcialmente com Luria quando, na mesma produção acima citada, escreveu:

Vygotsky não foi capaz de explorar todas essas questões em detalhe. É importante enfatizar, porém, que a relação entre sentido e significado, e a relação entre o intelectual e o afetivo foram os focos de grande parte de seus trabalhos nos últimos anos de sua vida. (1987, p. 369)

É indubitável que Vygotsky, como Luria coloca na citação, centrou-se, na última parte de sua obra, precisamente na parte mais inexplorada da tradução

ocidental, na complexa relação entre afeto e emoção, e entre sentido e significado, o que, conhecendo a lógica do pensamento vygotskyano, faz pensar que nesse esforço ele tentaria encontrar uma unidade da vida psíquica capaz de envolver de forma inseparável essa nova unidade cognitivo-afetivo. Essa nova unidade, que, como disse Lúria, Vygotsky foi incapaz de desenvolver em detalhes, ficando em aberto para ulterior elaboração da psicologia, é a própria categoria de sentido, em relação à qual já não compartilho a interpretação apresentada por Lúria.

Vygotsky, que no princípio manteve-se dentro dos mesmos limites de Paulhan na análise do sentido, associando-o essencialmente ao uso da palavra e à sua relação com as estruturas de significado, dentro das quais se produz na linguagem, vai enfatizando, cada vez mais, a relação do sentido com a personalidade e com a vida psíquica como um todo. Isso o leva, no último capítulo de *Pensamento e Linguagem*, intitulado “Pensamento e Palavra”, a apresentar vários matizes sobre a categoria de sentido, apesar de algumas incongruências nessas definições.

Assim, numa das formas mais acabadas em que consegue definir o sentido nessa obra, o autor, relacionando o sentido à análise psicológica da linguagem interna, destaca:

O sentido de uma palavra é o agregado de todos os fatos psicológicos que aparecem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que tem várias zonas que variam na sua estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto da fala. Ele é o mais estável, unificado e preciso dessas zonas. Em contextos diferentes, o sentido da palavra muda. Em contraste, o significado é comparativamente um ponto fixo e estável, ele se mantém estável com todas as mudanças do sentido da palavra que estão associados ao seu uso em diferentes contextos. (Vygotsky, 1987, pp. 275-276)

Na citação anterior, fica evidente um atributo importante na definição do sentido – o fato de ele ser uma formação –, o que já aponta a sua análise dentro de uma organização da psique como um todo, e não apenas a uma função da linguagem. Essa idéia se faz mais forte pela afirmação, também contida na citação, de que o sentido é “o agregado de todos os fatos psicológicos que aparecem na consciência como resultado da palavra”. Nessa afirmação, Vygotsky desloca a categoria sentido da fala para a consciência, e a apresenta como o conjunto de todos os elementos psicológicos que aparecem na consciência como resultado

do uso da palavra, o que leva implícita a presença das emoções e dos motivos no sentido, algo que Luria não percebeu ao se referir à categoria, na citação apresentada acima. É certo que o próprio Vygotsky não foi claro ao fazer essa afirmação, a qual, inclusive, é contraditória com outros momentos de sua própria definição no mesmo trabalho, portanto, a nossa afirmação só ganha valor como hipótese que pretendemos legitimar neste artigo, na forma como a categoria sentido aparece em outras obras do próprio Vygotsky, que foram escritas nesse mesmo período.

O sentido toma forma na representação conceitual de Vygotsky na relação com a fala interior, a qual ele apresenta como uma verdadeira produção psicológica, e não apenas como função, nem da linguagem, nem do pensamento tomadas isoladamente. Esse esforço para apresentar a complexa articulação entre pensamento, linguagem, fala, personalidade e consciência como sistema em movimento, representa, em si mesmo, um novo caminho para a reconstrução do mental. Um caminho orientado, não pela análise das partes, mas pela compreensão delas numa relação dinâmica que passa a constituir uma unidade qualitativa diferenciada que só toma significado dentro do próprio processo de construção do problema. Esse significado, porém, adquire um valor heurístico que vai além do problema que constituía seu foco naquele momento.

O que eu disse fica evidente quando Vygotsky, ainda no mesmo capítulo que estamos discutindo de *Pensamento e Linguagem*, expressa:

O aspecto de sentido da fala, de fato, o aspecto interno completo da fala que está orientado à personalidade não tem sido até tempos muito recentes um território da psicologia (...) O resultado tem sido que as relações entre pensamento e palavra se têm compreendido como constantes, relações eternas entre coisas, não como relações internas, dinâmicas e móveis entre processos. (1987, p. 283)

Algo surpreendente em Vygotsky é sua extraordinária capacidade para articular questões que, historicamente, foram analisadas de forma parcial e estática, dentro de sistemas em movimento, nos quais essas funções adquirem diferentes significados para a psicologia. É essa precisamente uma das razões que fez Vygotsky usar tanto o termo personalidade, no qual ele via uma forma de integrar as funções em novas dimensões psicológicas, mas indo em sentido totalmente contrário à forma estática e exclusiva com que a categoria personalidade tinha sido tratada na psicologia, quando era apresentada, de forma dominante, como uma estrutura intrapsíquica. Essa inovação presente nas construções

teóricas de Vygotsky, orientada a gerar uma nova representação da psicologia como ciência, é um dos aspectos de sua obra que aparece como mais difícil de ser compreendido por aqueles que a têm interpretado. Entre eles predomina a tendência de valorizar categorias concretas de seu pensamento, mais do que uma tendência para compreender o novo sistema que estava sendo proposto pelo autor, para pensar a psicologia e as conseqüências desse sistema, que resistiu a toda tentativa de substancialização da psique humana.

Em outra citação, presente no capítulo 1 de “Pensamento e Linguagem”, Vygotsky (ibid.) afirma algo que consideramos outro desdobramento audacioso na evolução da categoria sentido, no caminho de torná-la uma nova unidade de análise para o estudo da psique:

A primeira questão que emerge quando consideramos a relação entre pensamento e linguagem e os outros aspectos da vida da consciência, tem a ver com a conexão entre intelecto e afeto. Entre os maiores defeitos básicos das aproximações tradicionais ao estudo da psicologia tem estado o isolamento do aspecto intelectual dos aspectos volitivos e afetivos da consciência. A inevitável conseqüência do isolamento dessas funções tem sido a transformação do pensamento numa corrente autônoma. O pensamento transforma-se a si mesmo no pensador de pensamentos. O pensamento foi divorciado da completa vitalidade da vida, dos motivos, interesses e inclinações do pensamento individual. O pensamento foi convertido tanto num epifenômeno inútil, um processo que não modifica nada na vida individual e no comportamento. (p. 50)

Nesse parágrafo se expressa, com toda sua força, a idéia de Vygotsky de compreender as funções psíquicas em termos do sujeito concreto, considerado na integridade de seus processos psíquicos, dentro da dimensão processual de seu comportamento concreto. Vygotsky insiste na necessidade de considerar o pensamento integrado de forma inseparável dos processos afetivos da pessoa, o que foi muito bem colocado por Luria, na citação anterior, como um aspecto de muito peso no último período de sua obra. Essa preocupação com a integração do pensamento, a linguagem, os afetos e o comportamento, foi levando-o à idéia de um sistema capaz de integrar essas dimensões da psique humana. Isso fica claro quando Vygotsky afirma (ibid.):

A direção em que devemos nos mover em nosso intento de resolver este problema vital [refere-se a essa complexa relação entre o pensamento, o afeto e o comportamento] está indicada pelo método que confia na análise do todo complexo em suas unidades.

Existe um “sistema dinâmico de significados” que constitui uma unidade dos processos afetivos e intelectuais. Toda idéia contém alguma reminiscência das relações afetivas individuais daquele aspecto da realidade que ela representa. Dessa maneira, a análise em unidades permite ver a relação entre as necessidades individuais ou inclinações e o pensamento. Essa unidade permite-nos também ver a relação oposta, a relação que vincula seus pensamentos às dinâmicas do comportamento, à atividade concreta da personalidade. (pp. 50-51)

A idéia de Vygotsky, de abordar o novo problema nesse sistema complexo que integra pensamento, comportamento e personalidade a partir de sua orientação sistêmica e dinâmica, apoiada no estudo das unidades do sistema, leva-me a pensar que está associada com a forma progressiva e rápida com que a categoria sentido se apresenta na produção dos seus últimos trabalhos. Contudo, antes de continuar aprofundando na lógica que norteia o pensamento de Vygotsky naquele momento, queria deter-me numa diferença entre os termos da citação anterior, tomada das *Obras Escolhidas* de Vygotsky, publicadas nos Estados Unidos na sua tradução ao inglês, e uma reflexão sobre essa citação feita num trabalho de A.A. Leontiev (1992), no qual aparecem de forma textual certas palavras entre aspas do original de Vygotsky em russo. Em seu trabalho, Leontiev comenta:

De forma geral, não é o da unidade do afetivo e o cognitivo como tal, mas a realização dessa unidade em forma de um “sistema dinâmico de sentidos”, o qual relaciona a “dinâmica do pensamento” (intelecto) assim como a “dinâmica do comportamento e a atividade concreta da personalidade. (p. 42)

É interessante que, se referindo à mesma citação da obra, Leontiev, que, aliás, foi o primeiro psicólogo soviético a trazer em toda a sua significação a categoria sentido da forma como Vygotsky a definiu para a psicologia, traduziu como “sistema dinâmico de sentidos”, o que na edição americana aparece como “sistema dinâmico de significados”. Esse “pequeno equívoco”, caso a tradução do autor russo seja a correta, pode ser em grande parte responsável pelas distorções na interpretação da categoria de sentido e de muitas outras interpretações da obra de Vygotsky no momento atual na psicologia norte-americana, com o seu lastro de conseqüências para todas as traduções de Vygotsky na América Latina, a maioria das quais assume as fontes norte-americanas.

É também interessante perceber que esse trabalho de A. A. Leontiev, filho de A.N. Leontiev, mesmo que traduzido para o inglês, não teve praticamente

nenhum impacto na Psicologia ocidental, nem na própria Psicologia soviética, na qual os trabalhos sobre o sentido tiveram um ressurgimento nos anos oitenta do século passado, particularmente entre discípulos mais jovens de A.N. Leontiev ligados à teoria da atividade (Bratus; Asmolov; Stolin; Subotsky, entre outros). Esses trabalhos, mesmo que orientados essencialmente pelo conceito de sentido pessoal de Leontiev, e sem explicitar de forma contundente a contribuição de Vygotsky em relação à categoria de sentido, como o fizera em seu trabalho A. A. Leontiev, de fato, levou-os a linhas de pesquisa relacionadas com a personalidade, tema que, no marco ortodoxo tradicional da teoria da atividade, não foi muito desenvolvido. Esse caminho levou-os a questionamentos sobre os próprios limites do conceito de sentido pessoal, o que iremos analisar no próximo tópico.

Ao continuar analisando o rumo que a categoria sentido tomou nos últimos trabalhos de Vygotsky, nos deparamos com seu artigo “K voproy o psikhologii tvorchestva aktera” (Sobre a questão da psicologia da criatividade do ator), Vygotsky (1984) escreveu:

No processo da vida socioetal (...) as emoções entram em novas relações com outros elementos da vida psíquica, novos sistemas aparecem, novos conjuntos de funções psíquicas; unidades de uma ordem superior emergem, governadas por leis especiais, dependências mutuas e formas especiais de conexão e movimento. (p. 328)

Em relação a essa citação, que também A. A. Leontiev (1992) usa em seu artigo, ele comenta: “Precisamente esse conjunto é a ‘unidade de cognição e afeto’. Ele forma o sistema dinâmico de sentidos!” (p. 42). Eu, nesse ponto, concordo com o autor, mesmo considerando que sua afirmação seja mais uma consequência necessária do caminho de construção teórica de Vygotsky que a expressão de uma plena consciência teórica dele em relação ao termo. Eu considero que a citação anterior representa o momento mais evoluído do pensamento de Vygotsky antes de sua morte. Nessa citação ele consegue algo que, ao meu ver, é essencial para uma refundação ontológica da questão da subjetividade na perspectiva histórico-cultural; ele atribui um caráter gerador à psique e reconhece a autonomia relativa das emoções nesses espaços de produção psicológica que, sem dúvidas, apontam à conversão do sentido numa nova unidade do sistema da psique humana. É nesse ponto que a obra de Vygotsky permaneceu, e é

precisamente esse momento carregado de idéias inovadoras um dos momentos cruciais que a sua obra deixou em aberto para o posterior desenvolvimento da psicologia.

Em decorrência da análise que Vygotsky nos traz em *Pensamento e Linguagem*, é possível concluir que, em sua compreensão, o sentido e o significado são processos diferentes, capazes de se articularem de formas diferentes no funcionamento psíquico do sujeito. Os significados, mesmo que com grande frequência representem vias de expressão dos sentidos, não expressam de forma direta nem linear o sentido associado ao conteúdo significado. Por essa razão, o significado desdobra-se de diferentes formas na linguagem e aparece no pensamento sempre associado a determinados sentidos. Nos meus trabalhos, tenho enfatizado essa relação, assumindo o pensamento não como uma função cognitiva, mas como uma função de sentido do sujeito. Daí, a importância das reflexões dos sujeitos para os estudos dos sentidos subjetivos (González Rey, 2000, 2002, 2004a, 2004b, 2005).

A categoria de sentido e a forma como apareceu posteriormente na Psicologia soviética

O último momento da obra de Vygotsky, ao que nos referimos no tópico anterior, foi pouquíssimo trabalhado e compreendido no interior da Psicologia soviética, já dividida por diferentes posições teóricas, entre as quais podemos destacar as desenvolvidas pelos seguidores do próprio Vygotsky, Rubinstein, Uznadze e Ananiev, entre outros. Vygotsky, mesmo tendo muitos pontos de coincidência com a obra desses autores, permaneceu historicamente oculto em relação a esse momento de sua obra, o que não aparece destacado pelos seguidores de nenhuma dessas tendências, inclusive nem pelos seus próprios seguidores. Podemos dizer que essa situação definiu o fato de Vygotsky continuar sendo criticado por momentos anteriores de sua obra que ficaram superados nessa etapa final de sua produção.

Diante do peso que foi ganhando a teoria da atividade de Leontiev, e pela relação explícita que Leontiev e seus seguidores defendiam com os trabalhos de Vygotsky, a obra deste passou a ser de certa forma criticada pelas limitações vistas na teoria da atividade, as quais, apesar de terem conexão com certo momento da obra de Vygotsky que representou, de certo modo, um importante antecedente para a teoria da atividade, na realidade, representa um caminho teórico diferente

ao seguido pela teoria da atividade (Bozhovich, 1976; Zinchenko, 1997). Nesse sentido, uma das figuras mais importantes da Psicologia soviética das últimas três décadas, e que foi discípula de Rubinstein, Abuljanova (1980) colocou:

Uma diferença real de posições se descobre na comparação dos enfoques para a análise do psicológico de Rubinstein em relação a Vygotsky e Leontiev. A diferença entre estes dois enfoques é maior que as diferenças entre essas escolas: os princípios sobre os quais elas se fundamentam, levam a diferentes modos de construção do objeto da psicologia, as que têm um significado metodológico decisivo (....) S.L. Rubinstein posiciona-se contra a absolutização de qualquer tipo de característica unilateral da psique, enfatizando a sua multiplicidade

No enfoque de Vygotsky e Leontiev na base do psicológico se considera apenas uma qualidade, deduzida do princípio da atividade e por isso todo o edifício da psicologia se apóia num só ponto. (p. 57)

Como se pode observar, a crítica vai endereçada ao momento da obra de Vygotsky em que maior semelhança ela teve com a concepção de Leontiev, que foi o momento em que o autor fez a sua famosa afirmação, pela qual muitas pessoas o reconhecem até hoje, de que toda função intrapsíquica foi primeiro intersicológica. Essa afirmação corresponde ao momento em que ele deu uma ênfase primordial à interiorização como a via para a formação dos conteúdos psicológicos. Porém, ao reconhecer de forma implícita o caráter gerador da psique, quando afirmou os diferentes desdobramentos entre pensamento e afeto e sua relação com a personalidade e o sistema de atividades do sujeito, colocação que vai tomando forma no que se projetava como uma nova unidade da vida psíquica na evolução da categoria sentido, Vygotsky aproxima-se muito mais dos outros autores da Psicologia soviética pela sua ênfase no caráter sistêmico, complexo e múltiplo da psique. Ênfase essa que, da mesma forma que Rubinstein e Ananiev, Vygotsky expressa num movimento que introduz uma redefinição ontológica da categoria personalidade, na qual os conteúdos psicológicos deixam de ser inerentes ao indivíduo para expressar o seu mundo social. A categoria de sentido introduzida por Vygotsky, poderia ter representado um novo tipo de unidade psicológica para o estudo da personalidade, como afirmou muitos anos depois Asmolov (1984), apesar de ele ainda se apoiar na definição de sentido pessoal de Leontiev.

O sentido pessoal na teoria da atividade de Leontiev e o ocultamento da categoria de sentido na obra de Vygotsky

O desenvolvimento da categoria de sentido pessoal na obra de A. N. Leontiev orientou-se para a compreensão do sentido pessoal como momento da atividade, e não como unidade para compreender a complexa organização do sistema psíquico da pessoa. Leontiev, que também apresentou de várias formas o conceito de sentido pessoal, destaca, em relação a essa categoria, no seu último livro:

À diferença dos significados, os sentidos pessoais, da mesma forma que a trama sensorial da consciência, não possuem uma existência “supraindividual”, não psicológica”. Enquanto a sensorialidade vincula os significados com a realidade do mundo objetivo na consciência do sujeito, o sentido pessoal os vincula com a realidade de sua própria vida neste mundo, com os seus motivos. O sentido pessoal é o que cria a parcialidade da consciência humana. (1978, p. 120)

No entanto, mesmo que nessa citação o autor pareça fugir da conotação objetivista de sua definição de sentido pessoal, na mesma obra e em correspondência com sua primeira definição dessa categoria, ele expressa que o sentido pessoal é o reflexo da relação do motivo da atividade com o fim da ação. Mesmo que na aparência seja percebido que uma definição é muito diferente da outra, na realidade não é, pois quando ele afirma na citação anterior que o sentido pessoal é a relação dos significados com os motivos do sujeito, os que o autor define como os objetos da atividade, de fato não reconhece no motivo algo ontologicamente diferente ao objeto que orienta a ação. Dessa forma, o motivo é compreendido apenas no marco da atividade, como momento desse processo. A relação com o mundo não é compreendida por Leontiev como uma produção simbólica dos sujeitos, mas como uma interiorização de operações com objetos sensorialmente definidos, o que, de fato, mantém a subjetividade como refém da objetividade, sem entender a complexa relação dialética entre ambos os momentos de organização da realidade humana.

A minha análise dessa limitação na compreensão da categoria de sentido pessoal na obra de Leontiev evidencia-se nas reflexões de seus discípulos, empenhados em usar a categoria para o desenvolvimento de unidades de análise mais complexas e subjetivas para o estudo da personalidade, num caminho que os levou à definição das “formações de sentido”. Assim Asmolov (1984) escreveu:

O sentido pessoal representa o reflexo individualizado do mundo, que inclui a relação da personalidade com aqueles objetos pelos quais se desenvolve sua atividade e sua comunicação. As mais diversas manifestações da cultura, e mais amplamente, das relações sociais, assimiladas pelo sujeito no processo de interiorização das normas sociais, conceitos, papéis, valores e ideais percebidos por ele nos atos e ações de outras pessoas, podem adquirir para ele sentido pessoal, se transformando em “significados para mim”. (p. 63)

Nessa citação aparecem de forma concentrada todos os defeitos da definição de sentido pessoal de Leontiev. Defeitos que aparecem com toda clareza não apenas pelos seus aspectos explícitos, mas pelas conseqüências da institucionalização de seu pensamento na “vanguarda” de seus próprios seguidores. Em primeiro lugar, evidencia-se muito claramente a compreensão do sentido pessoal como reflexo das relações da “personalidade” com “os objetos”, enfatizando que o lugar do sujeito é o lugar da assimilação, não da produção nem da criação, em segundo lugar fica claro que os sentidos pessoais se formam como resultado da internalização, não representando nada além do que o “significado para mim”, o que vai numa direção totalmente contrária à definição de sentido na obra de Vygotsky.

Num ato de um valor histórico sem precedentes na Psicologia russa, pois já foi posterior à desapareição da União Soviética, A. A. Leontiev, filho de A. N. Leontiev, escreveu em 1992, em artigo já citado antes:

Muitas das ideais teóricas nesses trabalhos [refere-se aos trabalhos da última etapa de sua vida, escritos entre 1933 e 1934] porém não foram levantadas pelo grupo de Jarkov ou foram só parcialmente aceitas. Elas foram apenas percebidas pelos historiadores de Vygotsky e foram deliberadamente ignoradas por seus críticos. A mais importante dessas idéias foi a idéia de “sentido” ou de “campo de sentido”. (p. 41)

O próprio filho de A. N. Leontiev reconhece que a idéia de sentido não foi assumida pelo grupo de Jarkov que foi liderado pelo seu pai, e que reunia Galperin, Luria, Bozhovich, Zaporochets e Elkonin, entre outros. Sendo assim, para A. A. Leontiev, a categoria de sentido pessoal proposta por A. N. Leontiev não poderia ser considerada como uma continuação da categoria de sentido na obra de Vygotsky. Na década de 1980 do século XX, o tema do sentido foi retomado com força, como já foi dito, por um grupo de jovens seguidores da

teoria da atividade, os quais, de forma gradual, foram tomando consciência dos limites da categoria de sentido pessoal para o desenvolvimento dos temas mais complexo da personalidade. Nesse sentido, em artigo conjunto meu e de Bratus (1982), um daqueles seguidores jovens de Leontiev, escrevemos:

Evidentemente é preciso separar o conceito de sentido dos limites de uma atividade isolada, como tinha sido definido o conceito de sentido pessoal num primeiro momento por A. N. Leontiev e convertê-lo numa categoria mais universal e generalizada, que inclua em si mesma, tanto os casos do sentido pessoal, como compreendido por Leontiev, assim como outras das relações de sentido mais complexas. Para designar esta categoria foi proposto o termo de formações de sentido da personalidade. (p. 56)

Mesmo com consciência das limitações da categoria sentido pessoal para o desenvolvimento de uma teoria mais complexa da personalidade como sistema psicológico, o termo ainda não representava uma alternativa em relação ao conceito de motivo, senão que se definia as formações do sentido como complexas relações entre motivos. Porém, o uso do termo “formações de sentido da personalidade” teve muitas interpretações diferentes, no desenvolvimento das quais podiam ser observadas as dificuldades para considerar essas formações como verdadeiras produções subjetivas da personalidade. As barreiras para compreender o caráter subjetivo dessas formações de sentido estavam dadas pela impossibilidade que alguns daqueles autores, formados nos marcos da teoria da atividade, tinham para se separar do caráter objetivo do sentido pessoal e da representação sobre o vínculo direto e imediato entre as formações de sentido e a atividade. Essas dificuldades são percebidas claramente na seguinte afirmação de Asmolov (1984):

A determinação dos sistemas dinâmicos de sentido [termo empregado com frequência como sinônimo de formações de sentido] pela posição social e considerando o condicionamento desta posição pela atividade do sujeito determina outras particularidades de sua natureza psicológica: a mediação dos câmbios dos sistemas dinâmicos de sentido pelas mudanças na atividade que se encontram na sua base (o princípio da mediação pela atividade dos sistemas de sentido da personalidade). (p. 64)

Percebe-se na citação a dependência direta que o autor estabelece entre os sistemas dinâmicos de sentido e a posição social do sujeito condicionada por

sua atividade. A atividade aparece sempre numa relação direta com os sistemas dinâmicos de sentido, mesmo que autores como Bratus tivessem sido mais audaciosos na procura de uma independência relativa das formações do sentido em sua relação com a atividade. A partir daqueles anos, mesmo reconhecendo a necessidade de ir além da categoria de sentido pessoal, o que havia sido uma das razões para a fundação da nova categoria de formações do sentido, a nova categoria foi se expressando das formas mais diversas, sem levar a uma discussão profunda sobre as suas diferentes bases ontológicas em relação à atividade humana, no que representou uma dificuldade para compreender seu caráter subjetivo e levantar uma discussão sobre o tema da subjetividade na teoria histórico-cultural.

Assim, conhecedores de que se estava inaugurando uma produção teórica que permitia subverter o próprio estado da Psicologia soviética da época, trazendo um tema novo à psicologia em geral, tentava-se trabalhar com a nova categoria dentro dos termos de categorias tradicionais da psicologia, mesmo querendo destacar atributos que não podiam ser visualizados por essas categorias tradicionais. Assim, por exemplo, no artigo já referido antes (Bratus e González Rey, 1982) afirma-se:

Assim, por exemplo, a honestidade como uma formação de sentido, não é um motivo concreto, não é um conjunto de motivos, mas determinado princípio de interação de motivos, fins e meios da atividade em curso, princípio que numa forma ou noutra realiza-se em cada nova situação concreta. (p. 60)

Nessa citação, diferenciávamos a categoria de formação de sentido da categoria de motivo, como esse termo foi desenvolvido pela psicologia tradicional, essencialmente apoiado pelo valor dinâmico de um conteúdo concreto, ao qual se associavam de forma imediata os comportamentos de sujeito em relação a esse conteúdo, mas que não considerava as complexas articulações de conteúdos psicológicos que estão na base de cada comportamento concreto. Nessa citação, também defendíamos a idéia de que essas organizações psicológicas mudavam segundo os contextos da ação, com o qual estávamos diferenciando a produção psicológica associada às formações de sentido, dos motivos associados a conteúdos invariáveis situados no plano intrapsíquico. Porém, não tínhamos definido em que aspectos se diferenciavam essencialmente as formações de sentido e as tendências orientadoras da personalidade (González Rey, 1982), em sua própria constituição psicológica, de outros tipos de conceitos psicológicos. Dessa forma,

a nossa ênfase era colocada na inter-relação entre processos psíquicos diferentes, mesmo que tenhamos sido tímidos em avançar para uma nova proposta ontológica na consideração da psique humana.¹

Nesse mesmo sentido, tentamos nos afastar do objetivo imediato e da atividade, na forma como se compreendia o conceito de sentido pessoal, e que o próprio Asmolov reproduz em relação à definição de “sistemas dinâmicos de sentido”. Inclusive, tentamos ir além da própria definição apresentada por mim, tanto em meu trabalho conjunto com Bratus (1982) como no meu primeiro livro *Motivação moral em adolescentes e jovens* (1982). Nessa obra introduzi o conceito de tendência orientadora da personalidade como uma forma de compreender as unidades psicológicas mais complexas sobre as quais se organizava a motivação humana nas esferas da vida mais importantes para o sujeito. Em 1995, introduzi o conceito de sentido psicológico na minha definição do conceito de configuração subjetiva. Assim escrevi (1995):

No momento atual, no enfoque configuracional da personalidade, entendendo por configuração a integração dos múltiplos elementos dinâmicos da personalidade ao redor de um sentido psicológico específico, pelo que se pode incluir uma configuração dentro de outra, não como elementos diferentes que se integram, mas como parte de um novo nível qualitativo de organização psíquica. (p. 59)

Nesse momento de meu trabalho, mesmo que sem especificar com toda clareza a nova natureza desse sentido psicológico que estava definindo, enfatizava a complexidade dinâmica da organização da personalidade, onde as configurações subjetivas significavam integrações de processos e elementos psicológicos diferentes em torno de um sentido psicológico. Nesta definição **afastei-me definitivamente** de qualquer associação estática e determinista entre conteúdo psicológico e comportamento. Reconheço no conceito de configuração relações

1 Pelo fato de me referir várias vezes ao controverso termo *ontologia*, quero especificar a definição que assumo para seu uso. Entendo por ontologia, não uma consideração universal ao ser separada da produção do conhecimento humano, como o termo foi usado pelo pensamento metafísico, mas como a qualidade específica de um domínio de conhecimento, definido por *e em* nossas práticas. Porém, na falta de outro termo melhor, usei-o para me contrapor a certo relativismo que tende a separar o conhecimento como produção social de qualquer qualidade associada ao problema que conhecemos.

múltiplas entre diferentes elementos psicológicos em torno de um sentido psicológico particular. As bases para avançar numa proposta teórica de maior alcance estavam criadas.

Do sentido psicológico ao sentido subjetivo: o resgate da questão da subjetividade numa perspectiva histórico-cultural

Mesmo que a fundação e o desenvolvimento da categoria de sentido subjetivo esteja se constituindo no centro de meu trabalho nos últimos dez anos (González Rey, 1999, 2000, 2002, 2004a, 2004b, 2005), ainda vejo que as categorias sentido e sentido subjetivo são usadas de forma indistinta e que o pouco rigor no conhecimento das origens do tema e o uso pouco fundamentado da categoria sentido na psicologia pode levar à sua banalização.

Ciente das limitações da teoria da atividade e tendo entendido no percurso gradual de minha aproximação à questão do sentido na última parte da obra de Vygotsky, concordo com A. A. Leontiev, sobre o fato de que essa categoria levava, não apenas a uma nova compreensão do trabalho de Vygotsky, mas a novos desdobramentos e linhas de pesquisa na psicologia. Foi assim que comecei a me interessar pelas possibilidades de desenvolvimento da categoria sentido, a qual ficou num momento inicial de desenvolvimento na obra de Vygotsky. Nesse processo, aprofundando no percurso do desenvolvimento dessa categoria, percebi sua significação para o desenvolvimento de uma teoria da subjetividade de base histórico-cultural. Foi nesse caminho que defini as categorias de sentido subjetivo e de configuração subjetiva (González Rey, 1995), sobre as quais trabalho até hoje numa nova definição do tema da subjetividade.

A categoria de sentido subjetivo, diferenciando-se da categoria de sentido em Vygotsky, afasta-se da relação imediata sentido-palavra, da qual Vygotsky também começou a se afastar em seus últimos trabalhos (Vygotsky, 1984), mas sem se deter teoricamente nas conseqüências dessa separação em relação a sua própria teoria, para o qual, desafortunadamente, não dispôs de tempo de vida. Por outro lado, na categoria sentido subjetivo fica enfatizada a relação do simbólico com o emocional, e não apenas entre o intelectual e o afetivo, que tinha sido o foco de Vygotsky. Finalmente, a partir da categoria de sentido subjetivo, em sua relação com a categoria de configuração subjetiva, estabeleci uma relação inseparável entre o sentido subjetivo e a subjetividade como sistema.

No caminho de desenvolvimento da categoria de sentido subjetivo parti do conceito de configuração subjetiva, o que já tinha definido em 1995. A minha primeira definição da categoria de sentido subjetivo foi no ano 2000, quando escrevi:

A nossa definição da categoria sentido subjetivo orienta-se a apresentar o sentido como momento constituinte e constituído da subjetividade, como aspecto definidor desta, enquanto é capaz de integrar formas diferentes de registro (social, biológico, ecológico, semiótico, etc.) numa organização subjetiva que se define pela articulação complexa de emoções, processos simbólicos e significados, que toma formas variáveis e que é suscetível de aparecer em cada momento com uma determinada forma de organização dominante. (p. 18)

Nessa definição, que já tinha um carácter ontológico diferenciado em relação à categoria de motivo, assim como de atividade, estava destacando um dos atributos essenciais do sentido subjetivo, quer seja, expressar em forma de produção simbólica emocional a multiplicidade de registros objetivos que afetam ao homem em sua integridade vital. Queria separar-me de qualquer tipo de relação linear e direta entre essa produção psicológica e qualquer um dos processos e eventos envolvidos com sua gênese, o que considero um aspecto central na especificidade ontológica do subjetivo.

Mais à frente, essa definição sintetiza-se, quando formulo uma definição de sentido subjetivo como a “relação inseparável do emocional e o simbólico, onde um evoca ao outro sem ser a sua causa” (González Rey, 2002, p. 168). Essa definição centra-se no aspecto ontológico do sentido subjetivo, sem ter nenhuma diferença substancial com a anterior. A categoria de sentido subjetivo nos permitiu avançar no caminho daquela citação de Vygotsky destacada acima (1984, p. 328), onde mostra que “no processo da vida societal, as emoções entram em novas relações com outros elementos da vida psíquica, novos sistemas aparecem, novos conjuntos de funções psíquicas; unidades de maior ordem emergem”, o que, na opinião de A. A. Leontiev (1994), representam os sistemas dinâmicos de sentido. Porém, essa colocação não teve uma continuidade teórica consistente até hoje, precisamente pela impossibilidade dos seguidores de Leontiev, como foi analisado anteriormente, se despojarem do viés objetivista associado à categoria do sentido pessoal.

O desenvolvimento da categoria de sentido subjetivo permitiu-me aproveitar o legado de Vygotsky na abertura da questão da subjetividade no marco

histórico-cultural. Esse tema é totalmente congruente com a preocupação da Psicologia soviética, na qual, de forma geral, sempre houve uma compreensão da psique como sistema, o que esteve associado tanto em Vygotsky como em outros destacados representantes daquela psicologia com a categoria personalidade (Vygotsky, Rubinstein, Ananiev, Abuljanova, Miasichev, Vygotsky, entre outros). O conceito personalidade nesses autores perdeu seu caráter de estrutura intrapsíquica apoiada no desdobramento de tendências universais do indivíduo, como foi compreendido na psicanálise e outras aproximações dinâmicas ao termo. A personalidade, dessa forma, convertia-se num referente para o desenvolvimento de uma psicologia geral, não sendo mais uma categoria essencialmente associada com a clínica.

O conceito de sentido subjetivo em sua organização como sistema nas configurações subjetivas, levou-me à definição configuracional da personalidade, entendendo-a, como um sistema de configurações em desenvolvimento permanente, dentro do qual uma configuração pode, sob determinadas condições, se converter em um sentido subjetivo de outra.

O sentido subjetivo permitiu-me compreender a personalidade com a forma de organização da subjetividade individual, mas, no percurso de meu trabalho, não reduzi o conceito de subjetividade ao individual, pois defini a subjetividade social como aquelas produções sociais carregadas de sentido subjetivo que estão configuradas por processos emocionais e simbólicos produzidos nas mais diferentes esferas da sociedade. Essa forma de compreender os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas permitiram-me compreender o caráter social das produções subjetivas sem reduzir uma à outra, assim como superar a visão linear e determinista com que essa relação tinha sido compreendida através do conceito de interiorização, tanto em Vygotsky como em Leontiev, o que foi um dos elementos que levaram à representação de uma forte associação entre a teoria histórico-cultural e a teoria da atividade.

O sentido subjetivo não representa uma expressão linear de nenhum evento da vida social, pelo contrário, ele é o resultado de uma rede de eventos e de suas conseqüências colaterais, que se expressam em complexas produções psíquicas. Portanto, a consideração da importância das práticas sociais de caráter simbólico não me levou à negação da psique como definição ontológica, mas a uma nova definição qualitativa da organização psíquica humana, que defini como subjetividade, já que as produções de sentido subjetivo são inseparáveis da organização subjetiva atual dos sistemas humanos que se interpenetram na

produção de qualquer ato humano. Nenhum sistema de práticas em abstrato ou de eventos objetivos, tomados em seu caráter externo, tem o poder de determinar as conseqüências subjetivas de seu impacto.

A categoria de sentido subjetivo permitiu-me, assim, compreender a subjetividade como um nível de produção psíquica, inseparável dos contextos sociais e culturais em que acontece a ação humana. Nessa compreensão, ela não é um sistema determinista intrapsíquico, situado apenas na mente individual, mas a qualidade de um tipo de produção humana que permite penetrar em dimensões ocultas do social e da cultura, que só se tornam visíveis na sua dimensão subjetiva. A subjetividade não é apenas um tema da psicologia, mas das ciências sociais em geral.

A subjetividade, portanto, é uma produção humana, não uma internalização. Nada do que acontece em nossas práticas se internaliza, pois acima delas nós produzimos, e essa produção, mesmo sendo resultado de nossas práticas e relações, não é um resultado linear, mas uma produção diferente. Dela participam tanto as conseqüências dessas ações, que podem ter referentes não visíveis a partir das práticas atuais, como as configurações subjetivas que fazem parte da ação do sujeito, ou seja, aquelas que são fonte da produção subjetiva associada a essa ação. O aspecto subjetivo das produções humanas aparece de forma crescente nos trabalhos de muitos dos sociólogos mais importantes do momento atuais como Touraine (1999); Giddens (2002); Beck (1995) e Ferraroti (2003), entre outros.

Numa afirmação que me pareceu muito interessante para ilustrar o conceito de subjetividade social, Beck (1995) escreve:

Esta crise das ficções da segurança da sociedade industrial implica que as oportunidades e compulsões para a ação se abram, e entre elas uma deve permanentemente decidir, sem qualquer reivindicação de soluções definitivas – um critério pelo qual viver e agir na incerteza torna-se uma espécie de experiência básica. Quem pode fazer e aprender isso, como e por que, ou por que não, torna-se por sua vez uma pergunta biográfica e política fundamental da época atual. (p. 23)

Essa mudança a que o autor se refere é uma mudança essencial na subjetividade social de uma época, pois ela gera marcas múltiplas em todos aqueles que vivem nessa mesma época, sem que por isso apareça uma subjetividade individual uniforme, como expressão linear dessa subjetividade social. Uma característica essencial da subjetividade é sua capacidade para subverter a ordem institucional

que caracteriza a organização hegemônica de qualquer ordem social. Tem sido precisamente essa tensão e contradição permanente um dos elementos principais da constante mudança da sociedade. Negar a subjetividade é equivalente a desconsiderar a força da produção humana mais genuína, e nos submeter ao domínio do instrumental. Como bem coloca Beck na citação anterior “quem pode fazer e aprender isso, como e por que, ou por que não, torna-se por sua vez uma pergunta biográfica e política fundamental da época atual”, não é apenas uma pergunta biográfica, pois a biografia em sua seqüência descritiva não brinda a chave do problema. Antes de tudo é uma pergunta aberta à nova ordem da subjetividade que permitirá aos sujeitos a aos seus respectivos espaços de vida social gerarem uma produção subjetiva que possibilite responder a esse novo momento da subjetividade social e as suas conseqüências.

O sentido subjetivo é a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social, assim como todas as condições objetivas de vida do mundo social, se organizam numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando ao homem e a seus distintos espaços sociais novas práticas que, em seus desdobramentos e nos processos emergentes que vão se produzindo nesse caminho, constituem o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, dentro dos novos contextos de organização social que, por sua vez, participam da definição desses processos e se transformam no curso dos mesmos.

O sentido subjetivo e as configurações subjetivas são importantes, não apenas porque nos permitem compreender a ação individual em seu caráter sistêmico, aspiração associada de uma forma ou outra ao conceito de personalidade, mas é importante porque nos permite entender a sociedade numa nova dimensão, ou seja, em seu sistema de conseqüências sobre o homem e sobre a organização de seus diferentes espaços de vida social. O esvaziamento da dimensão subjetiva que preconizam muitos dos representantes do construcionismo social, longe de reforçar a dimensão social na análise dos problemas humanos, na realidade a debilitam, ao privá-la de um aspecto sem o qual a análise social fica incompleta.

A definição do sentido subjetivo e suas correspondentes formas de organização em configurações subjetivas na qual transitam de forma simultânea o social e o individual, coloca a psicologia de forma necessária num espaço transdisciplinar que se alimenta por diferentes canais que hoje são enfatizados por ciências sociais diferentes.

Algumas reflexões finais:

- O tema do sentido na perspectiva histórico-cultural realmente foi introduzido por Vygotsky e representou um giro, um novo momento qualitativo de sua obra que não encontrou uma continuidade na psicologia. Na obra de Vygotsky, o sentido não representa uma categoria a mais, mas significa uma nova unidade para a compreensão da psique, a qual ficou inconclusa pela morte prematura do autor.
- O sentido é inseparável de uma tendência geral da Psicologia soviética de compreender a personalidade humana como sistema que se forma e desenvolve na vida social e cultural do sujeito. Na última parte de sua obra, Vygotsky retoma o interesse que também marcou o momento inicial de seus trabalhos em relação à personalidade humana, sendo o sentido uma nova unidade para o desenvolvimento dessa categoria. Os temas da ação e da linguagem, mesmo sendo centrais na obra de Vygotsky, sempre estiveram subordinados ao desenvolvimento de uma teoria complexa da mente de caráter cultural.
- O desenvolvimento do sentido pessoal na teoria da atividade de A. N. Leontiev não representa uma continuidade da categoria de sentido na obra de Vygotsky, senão que, pelo contrário, é uma construção orientada à definição de relações funcionais na atividade com objetos. A Psicologia soviética apenas retoma o tema do sentido nos anos oitenta do século XX, e, fundamentalmente, essa categoria é assumida a partir do sentido pessoal, mesmo reconhecendo as suas limitações para o desenvolvimento dos temas da personalidade e da motivação humanas.
- Com a categoria de sentido, Vygotsky reconhece pela primeira vez o caráter gerador da psique, rompendo com uma tendência que caracterizou momentos anteriores de sua obra, de estabelecer uma relação linear e direta entre as operações externas e as internas, princípio que depois radicalizou A. N. Leontiev em sua teoria da atividade.
- A categoria de sentido subjetivo, mesmo tendo sua origem na categoria de sentido de Vygotsky, diferencia-se dela por enfatizar a unidade do simbólico e emocional como via de integração da experiência social do sujeito, o que não acontece apenas por experiências objetivas pontuais, e muito menos norteadas por objetos, mas representam novas produções em relação com as experiências vividas, as que são inseparáveis da organização subjetiva dos sujeitos e dos múltiplos contextos em que acontece sua vida social.

- A categoria de sentido subjetivo envolve, para sua compreensão, o conhecimento de configurações subjetivas da personalidade que são parte de sua gênese. O sentido subjetivo representa uma importante unidade para entender conseqüências da vida social sobre o homem, tornando-se uma categoria que abre uma nova dimensão para compreender os processos humanos e, neste sentido, não é privativa da Psicologia.

Resumo

O presente artigo discute uma das categorias centrais desenvolvida no último período da obra de Vygotsky: o sentido. É analisado o desenvolvimento progressivo e acelerado dessa categoria em seus últimos trabalhos, assim como o que ela representa como uma possível nova unidade para a análise da psique. São discutidas também algumas das razões pelas quais essa categoria não encontrou um espaço na Psicologia soviética, assim como as diferenças da categoria sentido e a categoria sentido pessoal proposta por A. N. Leontiev. O uso da categoria de sentido tem-se estendido progressivamente na literatura psicológica nos últimos tempos, e a discussão sobre o conceito e suas origens requer uma urgente elaboração teórica para evitar a trivialidade do conceito. Partindo do conceito de sentido em Vygotsky eu proponho o conceito de sentido subjetivo como pedra angular para o estudo da subjetividade numa perspectiva histórico-cultural.

Palavras-chave: sentido; sentido pessoal; sentido subjetivo; personalidade; subjetividade.

Abstract

This paper discusses one of the central categories of the last period of the Vygotsky's work: the sense. It is analyzed the progressive and fast development of this category in his last works, as well as its consequences in terms of what it represents as a possible new unity of analysis of psyche. Moreover it is discussed some of the reasons by which this category did not find an space in the Soviet Psychology, as well as the differences between sense and category of personal sense proposed by A. N. Leontiev. The use of the category of sense has progressively extended in the psychological literature in the last time and a discussion about the concept and its origins is in urgent need of theoretical elaboration in order to avoid the triviality of the concept. Starting from the concept of sense in Vygotsky I propose the concept of subjective sense as the cornerstone for the study of subjectivity from a cultural – historical approach.

Keywords: sense; personal sense; subjective sense; personality; subjectivity.

Resumen

El presente artículo discute una de las categorías centrales desarrolladas por Vygotsky en el último periodo de su obra: el sentido. Se analiza el desarrollo progresivo y acelerado de esa categoría en sus últimos trabajos, así como lo que ella representa en términos de una nueva unidad para el análisis de la psique. Se discuten también algunas de las razones por las cuales esa categoría no encuentra un espacio en la psicología soviética, así como las diferencias entre las categorías de sentido y de sentido personal propuesta por A.N. Leontiev. El uso de la categoría sentido se ha extendido progresivamente en la literatura psicológica en los últimos tiempos y una discusión sobre este concepto y sus orígenes requiere una urgente elaboración teórica para evitar la banalización del concepto. Partiendo del concepto de sentido en Vygotsky, yo propongo el concepto de sentido subjetivo como piedra angular para el estudio de la subjetividad desde una visión histórico cultural.

Palabras claves: *sentido; sentido subjetivo; personalidad y subjetividad.*

Referências

- Abuljanova, K. A (1980). *Deyatelnosti e psikhologiya lichnosti. (Actividad y Psicología de la Personalidad)*. Moscou, Izdatelstva Nauka.
- Asmolv, A. G (1984). *Lichnost kak predmet psikhologicheskovo isledavaniya (A personalidad como objeto da investigação psicológica)*. Moscou, Izdatelstva Moskoskovo Universiteta.
- Beck, U. (1995). "A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva". In: Giddens, A; Beck, U. e Lash, S (orgs.). *Modernização reflexiva*. São Paulo, Ed. da Unesp.
- Bozhovich, L. I. (1976). *La personalidad y su formación en la edad infantil*. Havana, Editora Pueblo y Educación.
- Bratus, B. e González Rey, F. (1982). "La tendencia orientadora de la personalidad y las formaciones de sentido". In: González Rey, F. (org.). *Algunas cuestiones teóricas e metodológicas sobre el estudio de la personalidad*. Havana, Editora Pueblo y Educación.
- Ferraroti, F. (2003). *On the science of uncertainty*. Nova York, Lexington Books.
- Giddens, A. (2002). *Nuevas reglas del método sociológico*. Buenos Aires, Amorrortu.
- González Rey, F. (1982). *Motivación moral en adolescentes y jóvenes*. Havana, Editora de Ciencia y Técnica.

- González Rey, F. (1983). Obchenie e evo snachenie v rasravotke problemii lichnosti (A comunicação e seu significado na reelaboração do problema da personalidade). *Psichjologischeskii Journal*, v. 4, n. 4.
- _____. (1984). *Psicología de la Personalidad*. Havana, Editora Pueblo y Educación.
- _____. (1995). *Comunicación, Personalidad y Desarrollo*. Havana, Editora Pueblo y Educación.
- _____. (1999). *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo, Educ.
- _____. (2000). La categoría sentido y su significación en la construcción del pensamiento psicológico. *Contrapontos*, Ano I, n. 2.
- _____. (2002). *Sujeto y subjetividad: una aproximación histórico-cultural*. México, Editora Thomson.
- _____. (2004a). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- _____. (2004b). "Subjectivity in communication: development of personality". In: Branco, A. e Valsiner, J. (eds.). *Communication and metacommunication in human development*. Connecticut, Information Age Publishing.
- _____. (2005). "O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica". In: González Rey, F. (org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo, Thomson.
- _____. (2006). "O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica". In: Tacca, C. (org.). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas, Alínea.
- _____. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo, Thomson.
- González Rey, F. e Mitjáns, A. (1989). *La personalidad: su educación y desarrollo*. Havana, Editora Pueblo y Educación.
- Leontiev, A. A. (1992). Ecce Homo. Methodological Problems. *Multidisciplinary newsletter for Activity Theory*, n.11-12, pp. 41-44.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre.
- Luria, A. (1987). "Alter word to the Russian Edition". *The Collected Works of L. S. Vygotsky*. Nova York, Plenum Press.
- Touraine, A. (1999). *Poderemos viver juntos: iguais ou diferentes*. Petrópolis. RJ, Vozes.

- Vygotsky, L. S. (1968). *Pensamiento y lenguaje*. Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre
- ____ (1984). K voproy o psikhologii tvorchestva aktera (Sobre as questões da psicologia do ator criativo). *Sobranye sochineniya*, v. 6, pp. 320-346. Moscou, Izdatelstva Pedagogika.
- ____ (1987). "Thinking and Speech". *The Collected Works of L. S. Vygotsky*. Nova York, Plenum Press.
- Wertsch, J. (1997). "La necesidad de la acción en la investigación socio-cultural". In: Wertsch, J.; Del Rio, P. e Alvarez, A. (orgs.). *La mente sociocultural*. Madrid, Infancia y Aprendizaje.
- Zinchenko, V. (1997). "La teoría sociocultural y la teoría psicológica de la actividad. Revisión y proyección hacia el futuro". In: Wertsch, J.; Del Rio, P. e Alvarez, A. (orgs.). *La Mente Sociocultural*. Madrid, Infancia y Aprendizaje.

Recebido em março de 2007.

Aprovado em junho de 2007.

Fernando González Rey
Doutor em Psicologia
Professor do Centro Universitário de Brasília, Brasil
E-mail: gonzalez_rey49@hotmail.com